

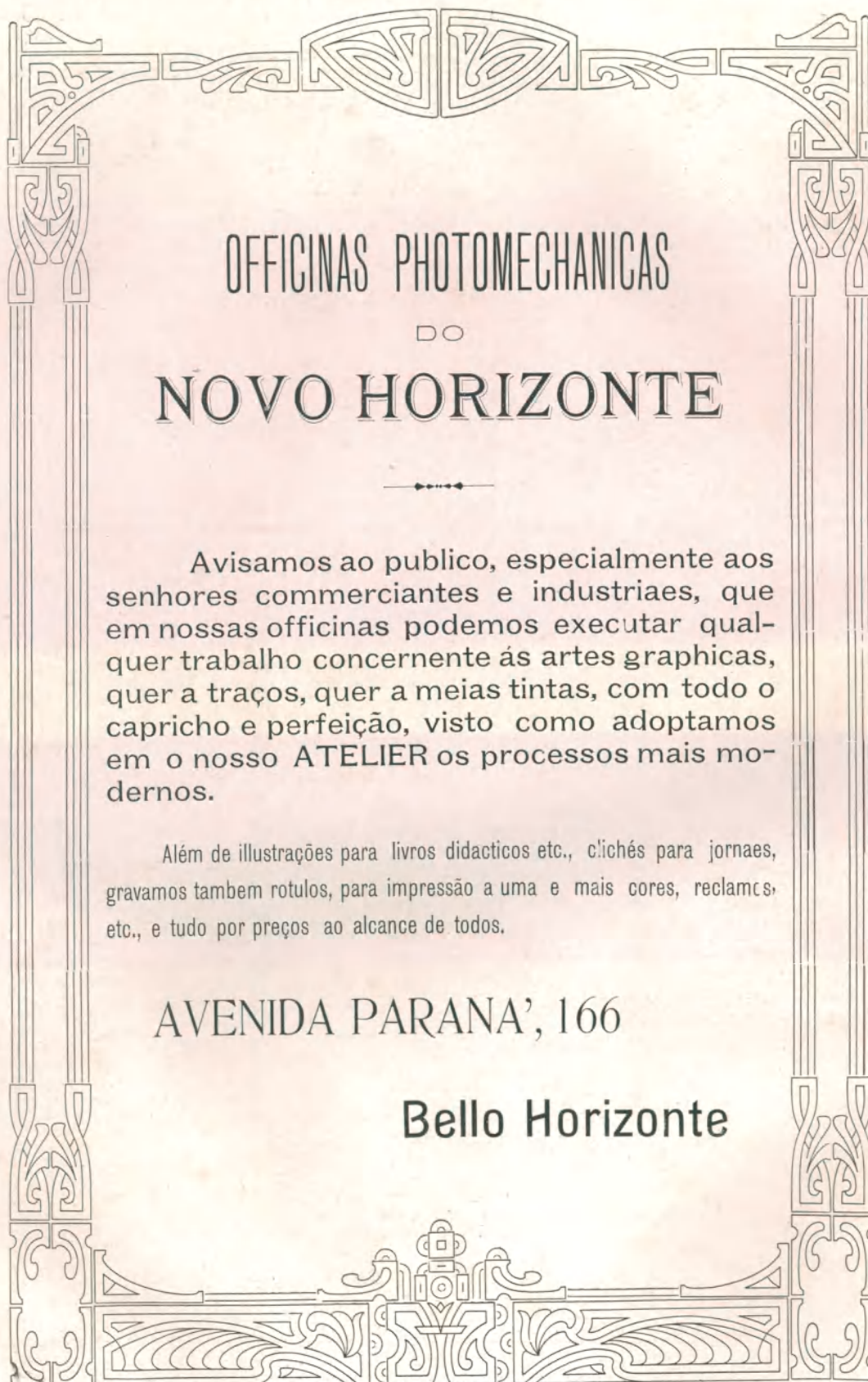
NOVO HORIZONTE



Dr. Olyntho Meirelles

O ACTUAL PREFEITO DA CAPITAL, CUJA FECUNDA
ADMINISTRAÇÃO TEM FEITO O
SEU NOME QUERIDO
DO POVO.





OFFICINAS PHOTOMECHANICAS DO NOVO HORIZONTE

Avisamos ao publico, especialmente aos senhores commerciantes e industriaes, que em nossas officinas podemos executar qualquer trabalho concernente ás artes graphicas, quer a traços, quer a meias tintas, com todo o capricho e perfeição, visto como adoptamos em o nosso ATELIER os processos mais modernos.

Além de illustrações para livros didacticos etc., clichés para jornaes, gravamos tambem rotulos, para impressão a uma e mais cores, reclamcs, etc., e tudo por preços ao alcance de todos.

AVENIDA PARANA', 166

Bello Horizonte

APC04

C 1719-008P

1911. 01. 00

Revista nº 5



ASSIGNATURAS
ANNO . . . 6\$000 SEMESTRE . . . 3\$000
AVULSO 500 RÊIS

Publicação mensal

Director : MANOEL PENNA
Redactor : AZEREDO NETTO

Direcção e officinas. — Avenida Paraná 166 — Bello Horizonte — Minas

EXPEDIENTE

Certos de que o NOVO HORIZONTE será publicado ao menos um anno, visto como a maior difficuldade na confecção do mesmo é vencida por aquelles que, se achando á sua frente, tambem se encarregam de toda parte material, solicitamos do povo o seu auxilio para esta publicação.

Das pessoas do interior a quem enviamos a nossa revista, esperamos o concurso da sua assignatura, rogando o obsequio de nos remetterem pelo correio o importe da mesma, ficando o registro por nossa conta.

CHRONICA

Aqui na Capital não temos propriamente o Carnaval, porque ainda está para existir entre nós o verdadeiro carnavalesco.

Esses rapazes que por ahí andam durante o anno sisudos e comportados, cuidando da casa, das creações e dos negocios, esquecidos do triduo louco de Momo, para o qual não reservam um miseravel vintem, mas que nos tres dias se agitam com os folguedos do deus da galhofa, não passam de arremedo do verdadeiro carnavalesco.

O legitimo carnavalesco, no dizer de Bilac, é aquelle que vive e morre pelo Carnaval; é aquelle que dorme, acorda, levanta, trabalha, come e bebe, pensando no carnaval; é aquelle que moureja um anno inteiro, accumulando o mais que pôde para dissipar nos tres dias destinados á folia; é aquelle que não comprehende a vida sinão ao som de buzinas, no meio das mascaras e dominós, respirando o aroma das bisnagas e lança-perfumes, ouvindo fanfarras, clarins, gritos e rufos de tambor, sob a chuva polychromica do *confetti*; e que na quarta feira de cinzas regressa ao lar, moido, na mais completa *quebradeira* para recommear a vida laboriosa pensando no futuro Carnaval.

Esse—não ha duvida—é o verdadeiro carnavalesco; desses, porém, não temos ainda aqui na Capital e talvez não os tenhamos tão cedo, porque em Bello Horizonte o legitimo Carnaval não existe ainda.

ZUT.

A prospera Associação Beneficente Typographica desta Capital teve a gentileza de nos comunicar que no dia 1.º do corrente foi empossada a nova directoria que tem de administrar a sociedade durante o presente anno, composta dos seguintes consocios:

Americo Gomes de Souza — Presidente.
Augusto Berardo Nunan — Vice-presidente.
João Ferreira de Andrade — Thesoureiro.
Francisco de Paula Gil Junior — 1.º secretario.
Francisco Pedro Velasco — 2.º secretario.
Mario Lapertosa — Procurador.

(2/12)



DR. JULIO JACOB

O dr. Julio Jacob nasceu na cidade de Grão Mogol aos 10 de agosto de 1876, sendo filho legítimo do coronel João Julio Jacob e da exma. sra. d. Anna Florinda Jacob.

Em 1891 transferiu-se para Ouro Preto, iniciando no acreditado «Collegio Mineiro» os estudos preparatórios, e, concluidos estes, matriculou-se na Escola de Minas, cujo curso completou em 1901.

Pela extraordinaria correcção de seu procedimento, assim como por sua applicação aos estudos, mereceu sempre, durante o tirocinio academico, a estima e consideração de seus mestres e condiscipulos.

Justamente quando se formou, aguda crise affectava a engenharia brasileira, pelo que o dr. Julio viu-se obrigado a afastar-se de sua profissão, collocando-se na Imprensa Official como chefe da revisão, onde pela affabilidade de seu trato ameno e delicado, logrou immediatamente captar a sympathia e amizade de seus companheiros de trabalho.

Depois de alguns mezes de permanencia naquella cargo, obteve, em 1903, nomeação para o logar de lente substituto interino da Escola de Minas, nomeação essa que se tornou ultimamente effectiva em consequencia da reorganização por

que passou, ha pouco, aquelle reputado estabelecimento de ensino.

O dr. Julio Jacob passou a maior parte da sua vida em Ouro Preto, onde, pelo seu genio insinuante e communicativo, relacionou-se facilmente com a maioria da população, em cujo seio contava verdadeiros e sinceros amigos.

Foi durante algum tempo vice-presidente do conselho central da «Sociedade de S. Vicente de Paulo» tornando-se por este motivo muito conhecido no Estado e principalmente nos circulos catholicos de Minas.

O dr. Julio era um homem forte, robusto e musculoso—uma figura mascula e varonil. Isento dos vicios e desregramentos que compromettem o vigor physico, seu organismo desenvolveu-se sempre rijo e sadio; emtanto, como que abatido pelo raio, em segundos apenas, desfez-se aquelle solido arcabouço que parecia destinado a supportar indemne as inclemencias do tempo e o perpassar dos annos.

O seu moral condizia com o seu physico: era sisudo e austero, accentuadamente justo e fundamentalmente honesto. Assim, ainda na madrugada da vida, já possuia bem nitidas e firmes as fortes noções da verdade, da honra e do dever.

A sua virtude maxima, porém, era o cumprimento do dever, que elle elevava ás proporções de um culto, por amor do qual mais de uma vez sacrificou seus interesses pessoaes, as affeições mais caras e não raro a sua propria saude.

Por seus labios jamais andou a mentira, nem mesmo essas que a sociedade permite e tolera, ou esses gracejos innocentes que em nada prejudicam.

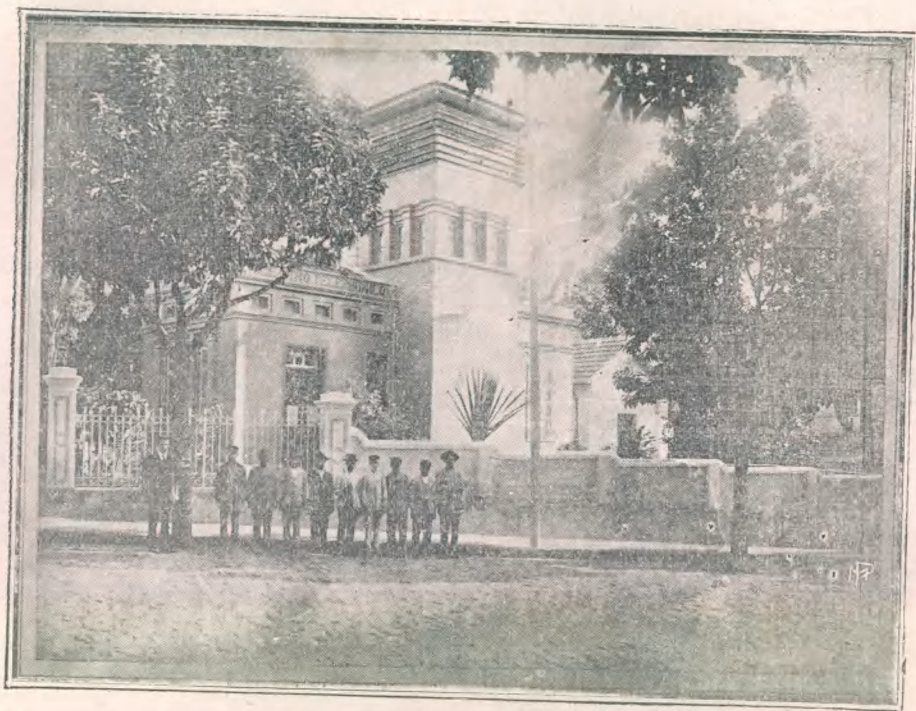
Por equal a maledicencia jamais encontrou guarida em seus labios e, tão pouco, a calumnia, a intriga, a inveja, e tantos outros desvios do espirito, que elle detestava por indole e educação.

Nunca, por consideração de especie alguma, afastava-se elle da linha recta do dever e esta preocupação exclusiva era o traço predominante de sua personalidade.

Indifferente a principio em materia de religião, tornou-se elle ultimamente crente fervoroso e convencido da religião catholica, expandindo seus sentimentos principalmente no exercicio da caridade,

NOVO HORIZONTE

MELHORAMENTOS LOCAES



Centro telephonico, depois de reformado, com 500 linhas, na fecunda administração do exmo. sr. dr. Olyntho Meirelles.

que elle praticava segundo o preceito evangelico de «ignorar a mão esquerda o que fazia a direita». Esta caridade, porém, não consistia apenas em estender a mão ao pobre que lhe batia á porta ou que delle se acercava na rua; ainda fazia mais: ia procural-os na sua humilde e triste habitação para levar-lhes não só o alimento do corpo como os confortos da alma naquella voz terna e affectuosa que era o encanto de sua convivência.

Membro da «Sociedade de S. Vicente de Paulo», elle fazia frequentes excursões pelas cercanias de Ouro Preto, distribuindo esmolas e, nessa piedosa missão, quantas vezes não o colheu a noite escura em meio áquellas invias penedias, completamente a sós e indifferente ás intemperies e ás solicitações naturaes do organismo!

Emfim, pelo coração morreu elle que pelo coração sempre viveu.

E por isso, por onde quer que vivesse ou tivesse andado, ficará para sempre errante, mas bem perceptivel aos seus ami-

gos, o effluvio suavissimo de sua bondade a perfumar constantemente a sua memoria e a sua recordação.

Dizem que as suas derradeiras palavras, quasi ao serem os seus labios tocados pelo sello da morte, foram um hymno de amor á terra generosa de Ouro Preto que elle elegera sua segunda patria pelo espirito e pelo coração, e lá repousará eternamente na solidão melancolica do sepulchro, sempre vivo, porém, na saudade dos que amou e dos que o amaram.

Em o numero seguinte daremos noticia de todos os jornaes que conosco teem permutado.

O milagroso especifico Ehrlick-Hata, mesmo antes de ser applicado aqui, já produziu bom effeito.

A mortalidade no anno passado, em Bello Horizonte, segundo as estatisticas, ficou reduzida a 606 pessoas. Imaginem agora quando os drs. Aleixo e Ignacio Magalhães começaram applicar o medicamento qual não será a redução !...

MELHORAMENTOS LOCAES



Interior do centro telephonico da Capital, depois das grandes reformas porque acaba de passar, feitos pelo actual prefeito, dr. Olyntho Meirelles.

Entre mendigos :

No sabbado passado, em frente ás obras do novo edificio que a Prefeitura está construindo para a usina de gaz pobre :

— Que trezada é aquella que aquella gente toda está fazendo alli ?

— O outro. Pois você ainda não sabe ?! Aquillo é uma casa pr'a um collega nosso chamado *Agaz Pobre* ?

— Quá pobre quá nada... Pobre somos nós dois que andamos tirando esmolas. Para um

collega nosso com certeza *elles* não iam fazer um casão daquelles... esse tal *Agaz Pobre* com certeza é algum graúdo...



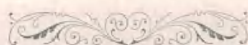
O Zé Ignacio, quando ouviu dizer-se que a Prefeitura havia contractado a installação da usina de gaz pobre, para fornecer mil cavallos de força, disse: Pois olhem, se me quizessem dar o fornecimento de forragem para toda essa caballaria, palavra de honra, mandava ás fabas esta minha *libraria*...

GALERIA MEDICA

I



Dr. Antonio Aleixo, humanitario e proficiente medico, um dos de maior clinica actualmente na Capital.



Cativeiro eterno

—Outr'ora, tinhas o cabello flávo,
Um sol gritante, só de meio dia;
Como um fulvo colmado refuleja
A côma de ouro me aquecendo escravo...

Hoje a terra envolveu-te a fronte altiva,
Os negroses de velha noite umbrosa
Tornaram-me a Thebaida, velludosa,
Onde, minh'alma vagará captiva.

Amanhã, quando o Inverno prematuro,
As neves da velhice de mansinho
Povoarem o teu cabello escuro,
Serei muito feliz, porque velhinho,
Terei por cativeiro no futuro
—Uma plumula alvissima de arminho.

Bebê.



—Então Zé Ignacio, que me dizes da chuva?
—Digo que gosto della porque nos dará voas vatatas.
—Pois olhe, eu penso o contrario:
O sol é que nos dá boas batatas.
—Como assim?
—Oh! Zé, pois não vês que o povo não vem á com este tempo!...

A ALMA HUMANA!...

Ha epigraphes assim. Indicam-nos, induzem, suggestionam um microcosmo de cousas, de idéas, de problemas, de illações, de conjecturas e de enigmas inescrutaveis, diante dos quaes um espirito indagador, aguilhoado pela ambição constante do saber, fica perplexo, e quasi succumbe ao peso enorme da propria fraqueza e insufficiencia.

Então, é mister que o proprio entendimento se levante de sua impotencia, num forte impulso de energia e vontade, e se resigne a abandonar a concepção do todo, para tomal-o em partes, dividindo-o e subdividindo-o, afim de bem o comprehender e sentir.

Estudar e entender a alma humana, em todas suas mais sublimes manifestações de bondade, como em todos seus mais repugnantes assomos de odio e maldade, não tem sido dado a nenhuma intelligencia.

O que os grandes genios conseguiram, no decifrar-lhe os mysterios indevassaveis, é tão exíguo, tão insubsistente, que quasi nos não dá a conhecer sobre o assumpto senão méras hypotheses indemonstraveis e cahoticas.

Vimos pensando nisso, por nos sentirmos, ás vezes, embaraçados diante de certos factos, que são de molde a suggerir conceitos que nos deprimem e desilludem.

Homens ha, dotados de alma tão negra, mesquinha e egoista, que, ao encontro della, a nossa cae aos pés, e chega a descer que estejamos trilhando a senda illuminada do aperfeiçoamento moral da especie.

As diferentes modalidades do viver humano, as quaes se traduzem na immensa variedade das profissões, que tendem a se multiplicar na razão directa da maior civilização e cultura, proporcionam a cada profissional, deste ou daquelle ramo de vida, sensações diversas, conforme os mistéres diurnos e diuturnos de cada qual.

Assim, o medico, em regra geral, depois de annos seguidos de uma clinica sem treguas, sente-se cansado, como que exaurido de suas energias vitaes mais caras e necessarias.

Tem presenciado e acompanhado, PARI PASSU, tanta miseria, tanta dôr, tanto

NA ESTRADA DA GAMELEIRA



Ah! meu Deus!... Meu pato macho...

desengano, tantas imperfeições da creatura, que, ao cabo de alguns lustros, deverá ter a alma comburida pelas desilusões e pela descrença.

E a illusão e a esperança, de sahir vencedor no santificado sacerdocio que abraçou, que illusão e esperança que foram para elle, na mocidade, a grande força que o nutria e impulsava, não eram mais do que chiméra— uma concepção puramente subjectiva do espirito.

Quantos se dedicam a outras profissões experimentam diversamente as peripécias do viver.

Umas são eventualidades apenas materiaes e secundarias, por ephemeraz; outras, de cunho moral e que perduram, em terriveis e fundas repercussões, capazes de abater animos resolutos.

O medico tem para o campo de seus trabalhos o corpo, em que se exercita, sondando-lhe as impurezas.

O advogado tem diante de si a manifestar-se, dia a dia, a alma dos clientes.

Ora, é um individuo que prantêia, amargurado, a imminencia da perda de

uma fortuna inteira, que custou carradas de sacrificio e privações. Ora, é um pobre homem que tem contra si o salteador da honra alheia. Ora, é um nobre, de sentimentos elevados, que faz ao homem da lei, refugio dos desprotegidos, minuciosa e sincera exposição, no intuito de procurar, á sua sombra arrimo ou defesa contra gananciosos, que o assaltam, no pre-supposto de explorar-lhe a boa fé e os haveres. Ora, é um «bom ladrão» que, com todo o cynismo e desplane, propõe ao advogado a mais deslavada transacção de suborno e baixexa, a qual faz brotar, n'um impeto, insuperavel explosão de vindicta e colera. Ora, é uma alma ingenua e simples, que se encontra presa de infame e innominada cidade.

E o sclerado, que lhe aponta ao peito o bacamarte do bandido, é impassivel e empedernido diante de quaesquer exclamações ou justificativas, diante da miseria de um lar, ou em face de um direito sacrosanto e lidimo.

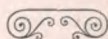
Parece inacreditavel que em coração de homem se aninhem tão satanicos sen-

timentos, que o fazem insensível á dor alheia e que o transformam em abominável verdugo.

E a alma de um homem de bem cáe aos pés, e chega a descrever que estejamos trilhando a senda iluminada do aperfeiçoamento moral da especie!

Bello Horizonte, janeiro de 1911.

A. Teixeira Duarte.



QUADRO

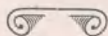
Vendo-se á porta da igreja,
Ambos se encheram de amor
Elle, sem que ninguém veja,
Dá-lhe na esquina uma flor.

Cobre-lhe o rosto um ruor
De quem zelosa se peja...
—Tome cuidado, senhor!
Ousado assim mais não seja!...

Impertigada ella segue
E elle seguindo-a, consegue
Saber onde mora, enfim.

Agora vel-os faz gosto
Naquelle banco de encosto
A' noite a sós no jardim.

Abílio Barreto.



EPITAPHIO

No tumulto dum páo d'agua:

Dizem que tudo bebeu!
Mas é falso ou brincadeira:
Bebia (digo-lhes eu)
Só nacional e estrangeira...



Bello Horizonte, marchando como vai, daqui a pouco estará igual ao Rio de Janeiro. Pois não é que já temos as obras do Porto... da Prefeitura...

NOTAVEIS



Nome—Aldo Delfino.

Edade—Aos 7 annos dizem que ainda era menino.

Naturalidade—Athenas... Mineira.

Profissão—Fazer contos... e contos...

Particularidade — CABRA CURADO nas letras.

Divisa—Bóssa e banba.



Theodorico Cruz

activo representante da "A Sul America", companhia de seguros, e acaba de entrar para a administração do NOVO HORIZONTE, como seu gerente-viajante, com quem os nossos assignantes e amigos poderão se entender em os negocios relativos á esta revista.

INSTRUÇÃO PRIMARIA



Alunos do 2.º Grupo Escolar da Capital, fazendo exercícios militares com carabinas feitas pelos do Curso Técnico do mesmo Grupo.

AVENTURAS DE MANOEL GABIROBA

I

O fazendeiro Sebastião Coruja, além da fazenda em que morava, possuía a meia legoa de distancia uma outra mal assombrada.

Coruja era paralytico. Apareceu-lhe um dia o Manoel Gabiroba propondo para tomar conta da fazenda mal assombrada, na qual ninguém tinha coragem de morar.

Gabiroba porém, não sabia onde ficava a fazenda e Coruja não tinha quem lh'a fosse mostrar.

Gabiroba propoz então levar Coruja nas costas, trazendo-o depois de vista a fazenda. Foram.

Ao chegar á porteira da fazenda mal assombrada, os dois avistaram um phantasma colossal de braços abertos.

Gabiroba aterrado, jogou Coruja no chão e deu as de Villa Diogo.

Com grande espanto seu, quando chegou á outra fazenda já encontrou ali o Coruja pondo a alma pela bocca.

Coruja abia de um atalho e por isso chegou primeiro...

MARTIN DU BOIS.

Boas Festas.

Agradecemos penhoradissimos a todas as pessoas amigas que nos têm distinguido com cartões de boas festas. Retribuindo, auguramos a todos muitas felicidades durante o anno que ha pouco começou.

Com muito prazer registramos os seguintes nomes:

Exmos. srs. Julio Bueno Brandão, presidente do Estado, dr. Delfim Moreira da Costa Ribeiro, secretario do Interior, dr. Olyntho Meirelles, prefeito da Capital, dr. Americo Ferreira Lopes, chefe de policia, dr. Bueno Brandão Filho, official de gabinete do Presidente do Estado; a exma. sra. d. Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, directora do 2.º Grupo Escolar da Capital, o commando da Brigada Policial de Minas e os officiaes de seu estado maior, os srs. Theodorico Cruz, representante da *Sul America*, companhia de seguros, Justino Meira e exma. familia, Bento Clemente, o *Club Recreativo Sabarense*, a Liga Academica da Faculdade de Direito de Bello Horizonte e a Associação Beneficente Typographica, desta Capital.



Depois do jantar:

Oh! Maria, dá esse resto de comida aos cães.
— Não, papae, as coisas hoje estão muito más: isso só se podia fazer com os cães do seu tempo.



O CANTO DA SEREIA

(BARCAROLA)

A' singular menina, Agostinha Pires d'Alcantara

Dolores, desilludida
Das atrações dessa vida,
Preferiu viver no mar;
E é fama que, semi-nua,
A sua imagem fluctua
Sobre os parreiros, a cantar.

Contam velhos pescadores
Que essa exquisita Dolores
Tinha um pascigo no algar,
Onde lhe escapara um anho,
Indo augmentar o rebanho
Das vagas que vão no mar.

E a pobresinha, coitada!
Vivia triste, isolada
Sobre um rochedo a chorar;
Um vagalhão, então veio
Acalentando-a no seio,
Leval-a ao fundo do mar.

Quando a lua se faz cheia
E alguém nas aguas passeia,
Nalguma landa o luar,
Se lhe ouve o extranho canto,
Foge logo ao falso encanto,
Desse mysterio do mar.

Os pescadores de linha,
Devido á sorte mesquinha,
Tornados lobos do mar,
Ajoelham-se constrictos,
Se julgam ouvir os gritos
Dessa visão singular...

E dizem que, nesse dia,
Nossa Senhora da Guia
Tem muito azeite no altar;
E as moças dos arredores,
Vão rodeal-a de fiôres,
Pedindo benções ao mar.

Senhora dos navegantes
—A Santa dos mareantes
Tem o seu ninho no mar,
Cortado na rocha viva,
Onde a branca sombra esquiva
Foi vista, um dia a rezar...

Os moradores da praia,
Se a manhã rubente raia,
Sem á sereia cantar,
Auguram, cheios de medo,
O despenhar de um penedo
Ou tempestades no mar.

E as noivas dos marinheiros
Accendem dois candieiros
Na agulha de marear,
Rogando a Nossa Senhora
Leval-os á barra-fôra
Sem as tormentas do mar;

E ate' hoje essa pastora,
Antes de raiar a aurora,
Canta no fundo do mar;
E as suas formas redondas
Se perpetuam nas ondas
Que vão nas rochas quebrar.

Minas, — 11

Baptista Brasil



Este que a cimalha esconde
Debaixo do CHAPEUSINHO
E' o nosso moderno bonde...
E' o José Lopes Sobrinho.

6
12



O nosso festejado collaborador artistico Alberto Delpino e a Exma. Familia no seu atelier de pintura.

OS MELROS

Era á tardinha. Em frente ao rancho, em uma gamelleira frondosa, trillavam melros.

A'quella hora de crepusculo a harmonia extranha enchia de sonoridades calmas o espaço.

Presos ás estacas, animaes suarentos comiam o milho em triturações ruidosas, agitando os embornaes com sacudidelas bruscas. Dos pastos proximos, em passos lentos, chegavam os rebanhos. Vaccas, chamando as crias, mugiam; os cordeiros balavam em brados longos e tristonhos.

E os melros cantavam sempre.

Voando, de longe, bandos de passaros pretos pousavam na gamelleira, e outros, suspendendo o vôo, partiam. E a musica melancolica, em gorgieios rapidos, continuava seguidamente.

O occaso ensanguentado appareceu afinal como um brazeiro a extinguir-se. Ao crepusculo succedeu a noite, baixando sobre a terra o seu manto constellado; e só então pararam os trinos. Assim mesmo quando o luar surgiu, ao accorder-me pela calada da madrugada, ouvi cortando

Sombra

Ha um busto de mulher emoldurando
Meu quadro de illusões:—o meu passado.
Meu peito vem a dor dilacerando,
Afleito á dor nasci, ai, desgraçado!

Esta mulher fatal por quem eu ando
Ha muito tempo tão impressionado,
Eu a encontrei num dia treze, quando
De regresso a meu lar abençoado.

E nunca mais a vi, oh! nunca mais!
Voltam-me agora as horas sepulcraes
Visando a sombra da mulher querida.

Pensam todos que sou feliz, no entanto,
Moram dentro de mim, a dor, e o pranto
E ha de ser sempre assim a minha vida...

Lopes Sobrinho

Ha por aqui certos typos que só
andam em companhia dos graúdos,
num chaleirismo medonho.

Eu é que não uso disso: ou ando
só pelas ruas ou em companhia dos
meus eguaes.

—E' exacto, confirma o outro:
sempre me encontro com v. ou só
ou então em companhia de um ca-
chorrinho...

o silencio nocturno os gorgieios dos pas-
saros.

*
* *

Ao levantar-me, tropeiros, tocando os
animaes com os sons gutturaes fortes,
faziam-n'os caminhar estrada poeirenta a
fóra. Os sincerros das MADRINHAS tilin-
tavam. E o sol dourando o espaço e os
campos, surgia ao alto.

Era uma madrugada cantante.

Os melros, outra vez em bandos, voa-
vam; em voltas rapidas, pequenas man-
chas pretas, passavam, indo e vindo, á
luz scintillante.

E mais suave, mais harmoniosamente
do que á tarde, chilravam...

Subito, dos ramos, melros começavam
a cahir, vindo até o chão, de azas abertas,
piando lastimosamente, aos saltos na ter-
ra, rolando, afinal, mortos. Outros, que
sahiam em ligeiros vôos, precipitavam-se
do alto, tirando do solo um fragor sardo
na queda. Do cimo da gamelleira pas-saros
vinham se despenhando, entrelaçando-
se ás ramas, em pios agonicos, até que
chegavam ao chão, em grito estriden-



Dr. Abilio Machado, festejado poeta, jornalista, illustre advogado em Bello Horizonte e nosso apreciado collaborador.

te, como se o canto, que elevavam, não tivesse tempo de ser interrompido ainda.

Bandos de melros, entretando, em alegres clamores, vindo de longe, aproximavam-se com movimentos rapidos de azas, abertas plenamente, pousando á gamelleira. E os que esvoaçavam fora dos seus galhos, aos dez, aos quinze, abatiam-se mortos pelo ar. Ficavam alguns na arvore, seguros pelos pés aos ramos, batendo as azas, em chilreados, até que, de roldão, rolavam mortos.

E os cantos, como se fossem um hymno aos que falleciam, continuavam em trillos. Agora, o estridor dos que agonizavam dava aos cantos notas irritantes e agudas.

O terreno estava juncado de passaros. E como se a fatalidade os impellisse para ali, multidões de melros chegavam.

—Que é isso?

—Oh! todos os annos é assim.

Cevam os passaros pretos com milho mezes e mezes seguidos, e quando vem a occasião do plantio, matam-n'os envenenando-os. Morrem assim aos milhares.

* *

Os meus animaes estavam promptos e o meu camarada chamava-me. Eu olhei ainda algum tempo o commovente espectáculo.

Melros ainda cantavam, sendo fulminados instantaneamente.

Parecia que os que ainda estavam vi-

vos, presentindo a morte, psalmodiavam um hymno de gloria aos vencidos.

Bandos inteiros rolavam de azas abertas pelo ar, chilreando, e os que estavam no chão, em estremecimentos bruscos, meio mortos, gritavam em agonicos brados afflictos, debatendo-se.

* *

Oh! o que não inventará o homem de maldade?

Mezes e mezes inteiros os melros, com covatinas meigas, embalaran em doces trinos as manhãs claras e as tardes somnolentas e tristes. Eram a alegria sã em que se sentia reflectir a alma forte do ermo. Ao chio melodioso dos melros, sob a madrugada, partiam para os prados os mansos animaes, tocados por crianças; e as vacas, com tons nostalgicos, mugiam alto, respondendo-lhes a rouca voz dos bezerros famintos.

E quando o sol aquecia, os bois, á sombra da gamelleira, deitados, ruminavam, somnolentos, olhos simicerrados.

A' tarde, aos reverberos do poente, voltavam ao curral.

E os melros trinavam seguidamente Saudavam a nascer do dia, saudavam o constellar da noite.

Agora morriam, gorgendo ainda.

Eu já estava longe.

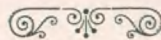
Tinha montado e partido.

Ainda ouvia, entretanto, os melros em seu hymno estridente de morte.

Que ficar junto ao homem, embora bello e santo, que elle não destrua?

Será necessario á vida essa missão de morte que nos coube?

ALDO DELFINO.



Outro dia encontramos o dr. Abilio Machado muito descontente com o resultado das conferencias do dr. Baeta Neves, sobre a devastação das mattas.

Indagando pelo motivo, disse-nos elle: Aluguei uma casa no bairro da floresta, uma excellente e confortavel vivenda e, quando os moradores descobriram que eu lá tinha me installado, fizeram uma revolta, me expulsando no mesmo dia cá para baixo! Mas, porque? Perguntamos.

—Ora, pelo simples facto de ser eu MACHADO!

(7-12)



Novissimas (58 a 62)

Do grão miudo, que é cousa mínima, faço meu nome — 2, 2.

Pisca-pisca.

Apenas tenho o domingo, para cortir preguiça — 1, 1, 2.

E, quando a chuva é miuda, ando de chapéu e beca de desembargador — 2, 1.

K. Pião

A primeira medida, que serviu em Bello Horizonte, foi feita por uma divindade — 1, 1, 2.

Sr. K. Pião, (*) onde foi que o homem encontrou o patrono dos caçadores? — 1, 1, 2.

Maricas.

Electricas (63 a 65)

Só por causa de uma falha fui parar na prisão! — 2.

Lourdesine.

A filha de Nereu, que é mãe de Achilles, — 2 achou na lagoa um peixe — 3

Clarisse.

Addicional (66)

? + ta = peixe
? + bra = embarcação
? + ga = carro
? + trim = moeda
E' passaro.

J. Odecam.

Syncopadas (67, 68)

4 — Em ardente supplica, a Dens uma graça eu pedia — 3

Clarisse.

3 — O homem é da ave — 2

J. Odecam.

Antigas (69 a 71)

Da culta França a bordo do » Aragon »,
Vem ao Brazil dr. Henry Le Bon

Vem estudar a nossa terra immensa,
Com sua grande, colossal sabença.

Passando uma floresta, em Pirahy,
Ouve um'ave gritar-lhe: « Bem-te-vi »! — 2

Detem-se, deslumbrado, o sabichão,
A bater-lhe, de espanto, o coração.

« Caminhe, amigo », diz-lhe o comarada, — 2
Soltando, de malícia, uma risada.

Muito tempo, sorpreso, o grão touriste
Em contemplar o passaro persiste.

Depois, exclama o sabio genial,
Vaidoso de seu nome universal:

« Té no Brazil as aves, seu freguez,
Conhecem um geographo francez ».

Blasco.

(Retribuição ao Moroz Thucideo)

Procura-me sempre o artista — 2

Até na curva do céu: — 4

Sou do progresso conquista

E de Minas u u trophéo.

Carpena.

Do « Quasi » no supplemento — 2

Ha um convite de arromba

P'ra festa de casamento

De José Joaquim Maromba.

Entre as varias iguarias,

Ha ovos de jacaré,

Comidas quentes e frias

Regadas a capilé.

Depois de findo o festim, — 2

Faz-se um batuque suruba.

Na sala a noiva chinfrim

A's damas serve jacuba

A's tantas da madrugada,

Certa dona, sem collete,

Pelo noivo carregada

Shahe da mesa do banquete.

Cretineti.

Typographico (72)

AZTUL

Z. I. Nacio.

Alexandrina (73)

Sendo vesgo não brinca — 2

Lourdesine.

Augmentativa (74)

Encanta como sereia,

Quem é tão linda e discreta

E, qual um'ave, gorgoeja

No escriptorio do poeta 2

Ribanceira.

Enigmas (75, 76)

O algarismo,

Que tem dez mil,

Tem seu começo

No mez de Abril.

Divida um oito

Ao meio igual

Completarás

O numeral

Pery Goso.

(A Senhorita Clarisse)

Senhora, o caso que lhe vou expor
Foi-n e contado por formosa déa:
«Nessa marquezia que tem quatro letras
Já dormiu a mais bella dulcinéa.

Se uma vogal entre ellas collocar
Verá, minha senhora, que é tão viva,
Por encanto a marquezia se mudar
E n bello nome de mulher altiva».

Lyrio do Valle.

Logogryphos (77, 78)

(Electrico)

Tua mulher (3-5-1-2
Foi casada (4-5-1-2
Com um pirata (6-5-1-2

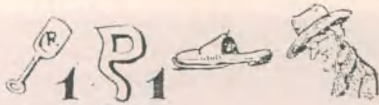
Pery Goso.

Altivo e grandioso em surto regio
me ascendo ao longe, ao alto, n'amplidão, 1, 2, 3
Entanto em roda, em torno, oh sacrilegio! 1, 5,
6, 7, 1
sou debil, sou vasio, relei. vão. 3 4-2 3 4-7

Erguido, algures, tenho uma apparencia
de algum destaque... Quem não vê meu porte?
Nunca tive vergonha, nem clemencia
sou duro de roer, não temo a morte.

Martinho Lucido

Piões (a 2)



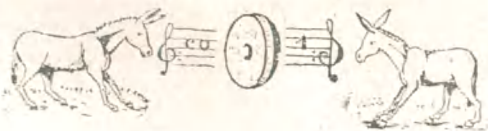
K. Pido



Z. I. Nacio.



Pery Goso.



Fogo-Fatuo

Decifrações do n. passado:

Atrato; Corrobôro; Fevera; Fradepio; Avis, Si-
va; Otis, Sito; Petrina; Capacho; Cabonegro; Co-
tia; Cotio; Abacate; Savel, Elvas, Levas, Velas, Sal-
ve, Selva, Laves, Vales; Agamemnon; Infelici-
des; Paludamento; Crepusculo vespéral; Senna;
Pipote; Deus te livre; O amor não tem lei; O co-
ração alegre è melhor que botica; Mui sincera
saudação.

Pontos marcados:

Lourdesine 33+21=54; Pisca Pisca 31-21
=52; Blasco, 26 19=45; Argos, 25+20=45;
Ribanceira, 27+19=46; Clarisse, 19+14=33; K.
Pião, 18; Cretinetti, 2+3=5; Lord Lister, 12. Po-
lydorc, 20, 22=42.

Lyrio do Valle.



Maioral

Estou melhor.... Os grandes soffrimentos
Como que me deixaram.... Tenho agora
Um pouquinho de alentos!

Não me deixa, porém, essa saudade,
Meiga, subtil, rissonhamente triste:
Aqui commigo—em outra idade
Alguem me encheu de céos a mocidade!

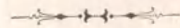
Suave, ao sombral de seus cabellos pretos,
Molhada a penna nos labios quentes,
Que idyllios, que sonetos,
Quantos poemas de amor incandescentes
Eu não compuz?...!

E esse *alguem* já não existe!...
(Ai! Meu piedoso Bom Jesus!
Ai! Minha Nossa Senhora!...)

Brito Machado.

O poeta Arthur Ragazzi não abandonou
o Parnaso. como algumas pessoas sup-
põem, pelo facto de estar elle actualmen-
te escrevendo sobre a bananeira.

Embóra em prosa, o Ragazzi continua
a ser inspirado pelas musas. Pois a bana-
neira não é tambem uma musa?



João Pipoca estava doente e não podia ler, se-
gundo as recommendações do medico.

Mas João não podia passar sem ler. Já não era
pouco a minguada alimentação que lhe dava a
sua mulher, ainda vinha o medico recommendan-
do que não lesse.

João a um momento exasperou-se:

—Mulher, dá-me alguma cousa para ler, ou en-
tão rebento de uma vez.

—Mas, Joasinho, queres ler muito e o medico
prohibe! Tem paciencia!

A' voz affectuosa da mulher Pipoca abrar-
dou-se:

Bem, querida; arranja-me um sello para lei.

8
12



UM:
Oh! menina tentadora,
Não zangues! Escuta cá!

OUTRO:
Diga, florinha, onde mora,
Quero pedil-a ao papá...

ELLA:
Que typos estes! Ora essa!
Não me deixam sosegada!
E eu que não posso ir de pressa
Desta maneira entravada...

NOVO HORIZONTE

E' esse o titulo de uma nova revista que acaba de surgir na bella capital mineira com todos os visos de boa publicação permanente, tal a nitidez das gravuras que a illustram, tão amena é a leitura do seu texto.

Honra a capa, artisticamente trabalhada, o retrato do senador dr. Bernardo Pinto Monteiro, um dos mineiros de mais destaque na politica nacional, como bem escreve a elegante revista sob o cliché mostrando o busto sympathico do nosso illustre compatricio.

Ornam, igualmente, as paginas do *Novo Horizonte* photographuras do distincto engenheiro, dr. Lourenço Baeta Neves e sua exma consorte bem como o retrato da genial pianista mineira senhorita Istael de Carvalho, gentilissima filha do dr. Cypriano de Carvalho.

São redactores da futura revista horizontal, de publicação mensal, os conhecidos e bem conceituados litteratos Manoel Penna e Azeredo Netto. Abre o bem lançado texto da revista a *chronica* de Zut, pseudonymo de um daquelles collegas, chonica leve, conceituosa e elegante, sobre o "Natal", vendo-se na 2.ª pagina bello quadro representando o "Presepe" de Jesus nascido.

A parte illustrada, assim como a pagina puramente recreativa de charadas, logogriphos e enigmas, está caprichosamente trabalhada por pessoas conhecidas e já consagradas, srs. Abilio Barreto, Corrêa Mourão, Baptista Brasil, Herculano Horta, Brito Machado, Gilberto de Alencar, Tito Livio Pontes, A. Teixeira Duarte e outros.

Agradecemos a ruidosa e alegre visita do *Novo Hovizonte* e auguramos-lhe vida prospera

e brilhante. Que se não arrefeça por um instante sequer a coragem de seus illustres fundadores, que tanto confiam no gosto litterario e artistico de Minas, dotando-a com bella revista illustrada.

Parabens!

"Do Jornal do Commercio" de Juiz de Fora.

HORIZONTINAS

Bello Horizonte é uma cidade burocrata por excellencia!

A acusa todos os symptomas de seu mal parasitario a quem queira se der ao trabalho de lhe tomar o pulso.

E' uma febre de mau character e que tem suas phases aguadas e de declinio; e como um mal intermittente, manifesta-se periodicamente ás mesmas horas com uma normalidade precisa, cabindo, logo depois, em seu estado comatoso e de dormencia. O curioso que se postar a uma das esquinas da rua da Bahia, das 10 ás 11 horas dos dias uteis ha de constatar forçosamente, a precisão deste diagnostico, os periodos agudos de sua molestia.

E' a hora em que os microbios começam a se agitar para sugar-lhe, com ferocidade, o sangue, minando-lhe o organismo depauperado.

E, na verdade, é a hora em que o transitito é maior, dos que sobem e descem, depois do almoço engulido ás pressas, mal salivado e cujo residuo, depositado nos dentes, ainda se aproveita com o auxilio do palito, pela rua, na preocupação de ainda alcançar o ponto nas repartições publicas.

Surgem das esquinas, das ruas lateraes e desfilam simultaneamente pela rua da Bahia, professores apressadas suarentas, com suas valisas de mão e acompanhadas de creanças; funcionarios de toda casta e de toda idade: velhos obesos, abarrotados do almoço; rapazes opilados e franzinhos, como um producto mirrado de estufa, homens de meia idade, já precocemente encanecidos e alquebrados; fomentando, uns, intrigas de repartição, bramindo, outros, contra a escandalosa preferencia dos chefes, entre arrotos mal contidos e sempre se queixando da miseria dos honorarios e aspirando projectadas reformas.

Os bonds crusam-se, tilitando, peçados de funcionarios que habitam a parte mais afastada do centro.

Dentro em pouco, porém, o rumor vai se tornando mais remoto dos passos que



Influencia do tempo.

se vão afastando, os transeuntes tornam-se cada vez mais raros e a calma vai-se restabelecendo até ser completa. Tudo fica sereno.

O sol bate de chapa na calçada offuscando a vista e calcinando a sola dos pés. Um vendedor de jornaes com carrinho de mão, annuncia pachorrentamente, numa voz cantada, os jornaes do Rio, da vespera; o Zé Ignacio, em mangas de camisa, encostado á porta da Maison Rose, grita qualquer gallegada lá para dentro; um rapazinho subindo, para diante de uma vitrine, indifferente; na esquina, uma senhorita, de sombrinha e alguns embrulhos na mão, espera pacientemente um bond; e tres ou quatro rapazes palestram no Bar do Ponto bebericando algum refresco.

De vez em quando rola, com barulho, pela calçada algum tilbury isolado; um carroceiro fustiga desesperadamente o burro que empacou, gemendo debaixo do fardo.

E as horas caem assim pesadas somno-lentas, numa monotonia morna. Uma hora depois a senhorita da esquina ainda espera o bond com ar enfasiado, com sua sombrinha e embrulhos; os rapazes

INSTRUÇÃO PRIMARIA



Escola estadual, no Alto Rio Doce, regida pelo professor Aniceto Medeiros.

pa'estram ainda no Bar do Ponto; o Zé Ignacio, agora em sua livraria, fala em tom gritado aos caixeiros; o vendedor de jornaes assentado no carrinho, debaixo de uma arvore, morde um naco de pão, interrompendo-se para annunciar, com a bocca cheia, bilhetes de loteria de 15 contos.

A's vezes, sobe um bond gemenlo, com quatro ou cinco passageiros silenciosos, um ou outro procurador de partes, flagello dos funcçionarios que go-tam de fumar cigarros com pachorra e sem incommodos.

E' então a modorra, a reacção, a hora do lethargo. E as horas succedem-se sem uma nota dissonante nesta urbs que adotta a praxe da monotonia e o tedio por costume.

* * *

As' quatro horas da tarde repete-se o accesso. Tem-se então a sensação de uma inundação!

As diversas repartições abrem seus reposteiros e vomitam para rua uma nuvem de funcçionarios que avolumando-se em uma só onda emboca pela rua principal, desce e escoa-se rapidamente, ficando aqui e ali um ou outro á espera de algum bond. Aos sabbados esta onda deslisa pela rua da Bahia, como em um grande escoadero, dissolve-se em certa altura e invade as barbearias e as casas de commercio. E' o dia em que se fazem barbas e se compra um collarinho para a missa do dia seguinte e o cinematographo.

A' noute illuminam-se as vitrines!

Alguns burguezes passeiam pacatamente; aqui e ali, grupos de rapazes dandys, conversam com tranquillidade e sem ruido, dando a sensação de rebanhos fartos. Algumas moças sobem e descem repetidas vezes a rua e as campainhas dos cinematographos tilintam planamente com intervallos.

No Bar do Ponto o Da Costa e Silva entre goles de Vermouth, ou de cacão, faz, em voz alta, propaganda de seu talento a dous ou tres rapazes que e escutam admirados e meneiam a cabeça como se dissessem — tal qual. Em uma mesa logo adiante, o Abilio commenta com enthusiasmo suas VERNAES E CORALINAS e promete para breve um livro de contos.

O trem apita. São nove horas!

Ouvem-se o ranger das tranças e o batido das portas das casas de commercio; as vitrines escurecem-se rapidamente. Os bonds passando levam os que restam ainda pelas ruas. As campainhas dos cinematographos tilitam ainda por algum tempo e depois emmudecem-se. Um grupo de rapazes, estudantes, sahindo da Bibliotheca, discutem alto, para serem ouvidos, auctores de litteratura. No Variedades bebe-se cerveja silenciosamente em redor de uma mesa e ouve-se, de vez em quando, o detonar secco do tiro ao alvo ou o ranger do carrocel.

Na rua deserta, os arcos voltaicos acalentados pelo rum-rum da corrente electrica, lembram alguém que cochila e que faz esforços para conservar os olhos abertos; e os guarda quando passa alguém retardario, emergem de entre as arvores para ver o atrevido que ousa ainda passar e desaparecem em seguida satisfeitos da tranquillidade da urbs que lhes garante um longo cochilar.

Bello Horizonte, 4—1—911.

CORRÊA MOURÃO.

No tribunal do jury, quando era interrogada uma testemunha, esta protestou:

—Sr. juiz, eu me chamo José Fagundes Velho e não José Fagundes Leite-Velho. Queira mandar rectificar.

Sr. escrivão, falou o juiz, tire o leite do sr. Fagundes Velho.

A' voz de tirar o leite o Fagundes quiz fugir mas foi detido...

"PLENILUNIO"

O poeta Franklin Magalhães teve a idéa feliz de mandar ao *Novo Horizonte* o seu bello livro de versos — *Plenilunio* — publicado em 1935.

O Manoel Penna passou-me logo o volume para sobre elle expender o meu juizo.

Disse-lhe que já conhecia o *Plenilunio* e que já tinha o meu juizo formado sobre elle: era um livro excellente, cheio de ameno lyrismo, de forma bem cuidada, composto de versos sonoros e cheios de alma; gostava muito do *Plenilunio*.

Mas o Penna fez questão que eu puzesse em letra de fôr na, aquillo mesmo que eu lhe dissera na redacção do *Novo Horizonte*.

Gostei e não gostei da sua insistencia: gostei porque era facil dizer o que eu sentia com relação ao livro; não gostei porque me poderiam chamar de critico improvisado. E, para que ta não acontecesse resolvi externar o meu juizo em forma de chronica.

Mas eu disse que o livro do sr. Franklin é bom assim sendo, preciso prova-lo. Para isso não ha como transcrever aqui uma das producções me- nos bellas do seu livro:

ENTRE VIOLETAS

As cheirosas violetas,
Aos beijos das borboletas,
E affagos da viração,
Serão mais ditosas que estas
Tão simples e tão modestas
Violetas que aqui vão.

Mas se as beijares, querida,
E se lhes deres a vida,
Unindo-as ao coração,
Estas violetas singelas
Mas cheirosas do que aquellas
E mais ditosas serão.

Agora, cabe-me, em nome do *Novo Horizonte*, agradecer ao festejado poeta a feliz lembrança, felicitando-me, ao mesmo tempo, pelos deliciosos momentos, que gosei, relendo o *Plenilunio*.

Abilio Barreto.



Numa *roda* na rua da Bahia contava ha dias um sujeito, que acabara de assistir forte discussão entre dois namorados.

Dizia:

— Houve troca de insultos! Chingaram-se a valer!

— E depois? perguntou um rapazinho cara de mamão macho.

— Depois?... Um subiu á Serra e o outro desceu para o Barro Preto...

NOTA DA REDACÇÃO

Felizmente já não houve desmaios porque toda a roda estava habituada ao espirito... engarrafado.

NO CINEMA COLOSSO

Um incidente!



Em uma das noites de sessão popular, ha po o co, quando se exhibia film — *Did ganhou um balão*, deu-se um facto que teria sérias consequências, si não fôra a prompta e enérgica intervenção da policia.

O caso é o seguinte: No momento em que o agil e espantado Did subiu sobre uma mesa para tirar de dentro de um ar-

mario um balãozinho que sua mãe lhe dera, a mesa tombou e Did foi arremessado para traz com tamanha impetuosidade que saltou fôra do panno indo cair na platêa, em cima de um espectador de 2.ª classe, um robusto cocheiro que, depois do susto, saccou da cava do collete enorme faca de ponta e caminhou sobre o lesto Did que, graças a sua proverbial esperteza, conseguiu escapar-se do seu aggressor, furando por debaixo das cadeiras como um gato, até que a policia conseguiu prender o supra dito cocheiro. Neste momento acenderam-se as lampadas electricas e Did, então meio desconfiado, sahio de sob os bancos, muito pallido, com os cabellos corridos balançando sobre a testa, quasi tapando os olhos, subiu em uma das cadeiras e, em um francez correcto, com uns gestos bruscos, fez uma mesura para os *habitués* do *colosso*, pedindo a estes mil desculpas pelo succedido, notando que tem trabalhado em milhares de fitas e em quasi todas as partes do mundo e era a primeira vez que lhe acontecia semelhante desastre, que elle attribuua á superioridade do aparelho projector daquelle cinema.

Disse mais que aproveitava aquella occasião para felicitar o Allevato pelas enormes enchentes que tem tido.

As suas ultimas palavras foram cobertas de estrondosa salva de palmas. Em seguida o descommunal Did pediu que a fita fosse passada outra vez, mas de deante para traz, e, quando chegou o instante em que a mesa se virou, o impagavel artista deu uma enorme cambalhota para a frente, indo cair justamente no lugar onde devia se achar.

Depois desse pequeno incidente, a sessão continuou com a regularidade do costume.

Entre dois funcionarios:

— Foste ao concerto do Napoleão?

— Não?

— Porque?

— Porque não tirei a sorte grande e não quiz desconcertar as minhas finanças no concerto do nosso grande maestro.



Por motivo independente de nossa vontade, sahio com um pequeno atrazo este numero da revista.

Alma do morro

(Ao Dr. Carlos Góes)

Esse outeiro desnudo, que se empina
Na cordilheira adusta,
Senhor de carrascaes e da campina,
Parece ter, na sombra vespertina,
Desejos turbulentos de Locusta.
Na meia claridade do crepusculo,
E' tão grande, é tão forte o seu sentir,
Que um rude camponez cuidou lhe ouvir
No petreo peito o palpar de musculo...
Se o Sol lhe applica as laminas candentes
Fustigando-lhe o dorso de gigante,
O velho serro, como um novo amante,
Tem volupiasd e lubricas serpentes;
Qualquer nota erradia que se perde
No ethereo oceano, que não tem marés,
Vai percutida pela voz do vento
Ser revibrada na garganta verde
Do valle em flor, que lhe embalsama os pés.
Nas noites de luar, de brando effluvio,
Que céu de bôrco incendiado estúa,
O' simples phantasia outro diluvio,
No turbilhão de luz que vem da lua;
Se Pan celebra a apparição das cores
Em toda terra, na estação primeira,
O monte é o papa, o solidéo - são flores;
De templo serve a natureza inteira;
E a primavera, alviçareira Augusta,
Canta a missa aromal dos seus amores!
Por isso, faz pensar que essa montanha
E' o grande escritorio de um profunda arcano;
Das tradições, granítica peanha.
Ou (quem o sabe?) uma Babel extranha
Que perpetua o desalento humano!...

*
**

O colosso lá está como atalaia, eterno,
Assistindo tranquillo o resurgir da relva,
E se lhe vêm turbar as cruzeas do Inverno.
A mimosa feição do travesso galerno,
- Suspira pela paz da primitiva selva!

Coitado! pela paz, méra pompa do verbo,
Magistral convenção das miserias terrenas!
Louco! Julga existir o tal premio soberbo;
Acredita cessar-se esse combate acerbo
- Na monotona paz de um Nirvana de penas!

*
**

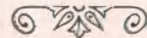
Atudo vence por egual esforço
Na ferrea lucta que o viver concita:
Nada lhe altera o alcantilado torso,
E em cada chaga que lhe surge ao dorso,
Canta a flor de uma nova parasita!
A tarde, quando a velha carrilhana
De um burgo pobre que se estende ao longe,
Faz na torre a chamada soberana,
Apparentando uma attitude humana,
O morro se concentra como um monge...
Quando pranteia uns immortaes amores
De virgens bugres - *Cajubys, Mêmas*,
Todo se infeita de garridas flores,
E o seu pranto gelado pelas dores,
Cae-lhe no seio produzindo as gemmas!
Nas tintas calmas, vesperaes sombrias,
O bloco estenta o seu perfil oblongo

Ao sol das almas, luz das agonias
Reflectindo as secretas nostalgias
Das collinas que vão fugindo ao longo.
A's vezes, sob a renda da neblina,
Nas pesadas manhãs de cerração,
O monte imita um elephante enorme
E se lhe envolve a bruma matutina,
Parece um sacerdote que, então, dorme
Na magestade plena de um pagão!

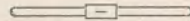
.....»
E a primavera vem; a madresilva medra,
Pondo um verde chinô sobre o cabeça nu'
Do morro que, fugindo ao seu viver humano,
Deixa em ondas a massa estúpida da pedra,
Ascende á zona azul, ao derradeiro plano,
Num sonho oriental, num fakirismo indu'...

Minas - 910.

Baptista Brasil.



Completando com o numero seguinte o
nosso 1.º semestre, pedimos aos nossos as-
signantes o favor de nos remetter a impor-
tancia de suas assignaturas.



PORTRAIT-CHARGE



Olhando este altivo busto,
Sem pensares vãos e dubios,
Quem não gritará sem custo:
Salve oh! poeta de *Ancumbios*!

HISTÓRIAS PARA CRIANÇAS

I. — O TEMPLO DAS FADAS

Era noite — uma esplendida noite de luar. Em um sitio retirado, á sombra de frondosos bosques, a Rainha das fadas, agitando uma campainha de prata de maviços sons, ia chamando a sua genticinha a reunir-se. Depois que todas chegaram formando uma roda, disse ella: «Minhas queridas filhas, vou emprehender um grande trabalho e preciso que todas me auxiliem.»

—Nisto as fadas abriram as azas e inclinaram-se porque estavam sempre promptas a fazer o que a sua Rainha lhes ordenava. Trajavam todas vestidos de lindissimas côres, de uma substancia gazea, mais fina do que nenhuma seda que jamais se tenha visto, e seus nomes eram os das côres que usavam. O vestido da Rainha era de purpura e oiro e todo faiscante aos raios do luar.

—Tenho resolvido, disse a Rainha, edificar um Templo de pedras preciosas, e «vosso» trabalho consistirá em trazer-me o material.

—Azas-Roseas, continuou ella, voltando-se para uma fadasiinha vestida de um cor de rosa delicadissimo, e linda como uma rosa, vós trazeis rubins.

—Verde-Relva, a uma fada vestida de verde, vosso trabalho é achar esmeraldas; e Azas-Luzentes, vós ireis ter com as se-reias e pedir-lhes que vos dêem perolas.

Ora, perto da Rainha estavam seis fadasinhas irmans, cujos vestidos eram mais brancos e mais puros do que a neve, do que tudo.

—As irmans foram todas chamadas pelo mesmo nome—«Claro-Cristal» e ellas ficaram attentas para ouvir qual devia ser o seu trabalho.

—Imans Claro-Cristal, disse a Rainha, todas vós haveis de me trazer diamantes». Havia lá tambem esperando uma outra fada, cujo vestido brilhante ao luar, parecia mudar de muitas côres, justamente como tendes visto o ceu mudar de côr ao pôr do sol, e a esta disse a Rainha:

—Vestido Arco-Iris, ide e trazei-me opalas.—

—Havia ainda outras tres fadas irmans chamadas Azas de Oiro, que estavam sempre procurando ajudar as outras fadas a afzer bem a toda a gente, e a Rainha

disse-lhe que trouxessem oiro fino para ligar umas ás outras as pedras preciosas.

—Estas não eram ainda «todas» as fadas que lá estavam; umas trajavam de azul outras de amarello, e a todas deu a Rainha o seu trabalho.

—Tocou depois a pequenina campainha de prata e todas ellas abriram as azas e inclinaram-se antes de partir para cumprir as suas ordens.

—Muitos dias depois voltaram as fadas todas juntas trazendo seus preciosos thesouros para a Rainha.

—Não sei bem como é que os vinham trazendo, mas ha muitos annos que ouvi falar de uma menina que ás vezes parava á vitrina de um joalheiro para reparar n'um meni-ro de prata muito pequenino, com azas de prata puxando um carrinho de mão todo de prata, cheio de anneis, e essa meninasinha pensava que talvez as fadas conduzissem as cousas da mesma maneira.

Em todo caso, vieram todas trazer á Rainha os seus fardos, e logo ella tratou de pôr mãos á obra para edificar o Templo.

«Os alicerces devem ser assentados com diamantes», disse a Rainha.

«Onde estão as seis irmans? Ah!ahi vêm ellas, com os bonitos diamantes, brilhantes, que são como ellas mesmas *claros como o crystal*?

Agora pequeninas Azas de Oiro, trazei vossos thesouros», e as tres irmanzinhas trouxeram o oiro mais fino.

Assim progredia alegremente o trabalho e dansavam festivas as fadas á medida que viam o Templo deslun brante ir surgindo sob as habilidosas mãos da Rainha.

De perolas fez as portas e de rubins, as janellas, e disse que o tecto devia ser de opala porque havia de mostrar muitas cores, quando sobre elle brincasse a luz.

Finalmente terminou-se o lindissimo edificio; e depois de terem as fadas dançado alegremente, formando rodas e rodas até não poder mais, formaram todas em volta da sua querida Rainha e renderam-lhe graças por ter fabricado um Templo tão bello.

E' em tudo a coisa mais linda do mundo», disse Azas Roseas.

«Não em tudo» replicou a Rainha, os

mortaes têm em seu poder com que fazer um Templo mais lindo que o nosso».

«Quem são os mortaes? » perguntou Azas Luzentes.

«Os meninos e as meninas são mortaes, disse a Rainha», e também o é a gente grande.

«Nunca vi os mortaes contruirem coisa alguma tão bonita que pudesse comparar com nosso templo», disse Verde-Relva; as casas delles se fazem de pedra e tijolos».

«Ah! Verde-Relva», respondeu sorrindo a Rainha, nunca vistes o Templo de que estou falando, mas é melhor que o nosso, porque dura para sempre.

O vento e a chuva, a geada e a neve, hão de com o tempo estragar o nosso Templo; mas o Templo dos mortaes continua sempre a viver, e nunca é destruído».

«Explica-nos isso, querida Rainha,» disseram as fadas todas; havemos de procurar comprehender».

«Tem um nome assim um tanto difficil», disse a Rainha, chama-se *caracter*; isto é o que os mortaes constroem, e as pedras que empregam são mais preciosas que as nossas pedras.

Vou dizer-lhes os nomes de algumas.

Primeiramente têm a *Verdade*, clara e brilhante como os diamantes; isto deve ser o alicerce; bom caracter não se póde formar sem a Verdade».

Então as irmãs Claro-Crystal entreolharam-se a sorrir e disseram: «Nós trouxemos diamantes pela verdade».

«Elles têm a *Honestidade*, a *Obediência*, e muitas outras», continuou a Rainha, «e a *Bondade* que é como oiro puro que foi trazido pelas irmãs Azas de Oiro e serve de bello engaste para todas as outras pedras».

Ficaram muito contentes as fadazinhas ao ouvir tudo isto a respeito do Templo que constroem os mortaes e disse Azas de Oiro que o que ella queria mais que tudo era ser capaz de ajudar os meninos e as meninas a embellezar o seu Templo, e a mesma cousa disseram as outras fadas; de modo que a Rainha declarou-lhes que todas podiam tratar de ajudal-os, porque cada menino e cada menina precisava construir um Templo, e o nome desse Templo é *Caracter*.

(Traduzido do inglez).

« REVISTA MILITAR »

Com este titulo acaba de apparecer nesta Capital, no dia 1.^o do corrente, uma excellente revista, de feição moderna, e que se propõe trabalhar para o desenvolvimento da briosa classe a que pertence.

A sua direcção é a seguinte: Director, tenente-coronel Christiano Alves Pinto; redactor, capitão Joviano de Mello; redactor-gerente, tenente Getulio da Fonseca.

Felicitando os illustres fundadores de tão util publicação, fazemos sinceros votos para que ella tebna uma vida longa e prospera.



A Confederação Auxiliadora dos Operarios do Estado de Minas inaugurou no dia 22 o seu novo predio, á rua Tupinambás.

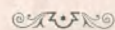
Em o proximo numero publicaremos algumas photographias relativas á prospera associação.



JORNAL DO COMMERCIO

Recebemos o 1.^o numero deste hebdomadario, de agradável feitura intellectual e material, editado nesta Capital.

Redigido pelo sr. Costa Junior, nome já bastante conhecido no jornalismo mineiro, o JORNAL DO COMMERCIO com o programma que traçou, está nas condições de ir longe, o que muito desejamos.



Recebemos mais um numero da nossa presada collega local A VIDA MINEIRA, que passou a ser dirigida pelo nosso collega de imprensa sr. dr. Augusto de Lima Junior.

Inicia no presente numero do NOVO HORIZONTE a sua collaboração artistica, o talentoso caricaturista Genesco Lages, nome que se vae impondo no nosso meio, pela correcção dos seus desenhos e pela graça de suas CHARGES.

Executando o programma que delineamos, continuamos hoje com a propoganda de Bello Horizonte, publicando com o titulo «Melhoramentos Locaes», clichés representando trabalhos executados pelo actual Prefeito, bem como retratos de seus principaes homens na industria, nas artes e no commercio.

C 17/a-005

Manteiga com hypophosphitos de cálcio e de sódio



Typog. "Moderna"

Officina de obras e fabrica de carimbos de borracha.



BELLO HORIZONTE

RUA DOS CAETHÉS, 556

Papelaria e Pautação

BOTA MINEIRA

M. GUEDES

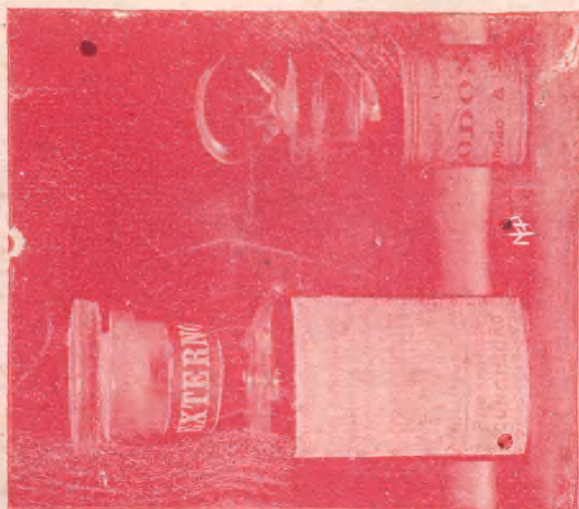
Calçado de todas as qualidades

Especialidade em obras sob medida. Calçados para homens, senhoras e crianças

PREÇOS BARATÍSSIMOS

Rua dos Caethés, n. 380—Bello Horizonte

BRANDÃO & SOUZA



«ECHRYSONTYLON» e «ODON» são os primeiros medicamentos da actualidade: um tira completamente os callos e o outro cura qualquer dor de dente em 1 minuto. — Pharmacia Conceição.

SILVERIO SILVA & C.

Manufatura de fumos, cigarros, charutos e artigos para fumantes

BELLO HORIZONTE

Telephone n. 224



Avenida Tocantins

MINAS GERAES

Fabrico especial de cigarros de Fumo Goyano

Serraria e deposito de lenha e material de construcção